

Introdução

O estudo sobre os faxinais no Paraná é parte de um diagnóstico mais amplo realizado por uma equipe de pesquisadores interdisciplinares do IAPAR¹, dentro do Programa especial chamado PRORURAL².

A metodologia empregada neste diagnóstico foi direcionada no sentido de obter um enfoque sistêmico do meio rural. Destacou-se, por conseguinte, a necessidade de empreender ações de pesquisa que extrapolassem as questões puramente técnicas e tecnológicas e abordassem conjuntamente problemas de ordem econômica e social.

O presente trabalho é uma versão sintetizada de um trabalho mais minucioso sobre uma forma particular de organização camponesa no centro-sul do Paraná - sub-região do PRORURAL, localmente denominada de faxinal.

Os faxinais constituem parte expressiva da realidade agrícola do Estado tanto em termos históricos, de área, de população, quanto de produção. Não obstante, eles são muito pouco conhecidos pela comunidade científica, e pelos técnicos que lidam com o meio rural do Estado.

A única informação que possuíamos por ocasião da elaboração do projeto de pesquisa era que os faxinais mais antigos datam de quase um século de existência e que a maioria se encontra em processo de desagregação.

A proposta de pesquisar e resgatar a experiência dos faxinais e a tentativa de levá-la ao conhecimento público se assentam sobre a seguinte filosofia de trabalho: "Qualquer proposta alternativa de intervenção que leva em conta a realidade social do seu usuário exige o conhecimento das formas como a produção está organizada e quais os processos em curso³".

* - Apresentado por Chang Man Yu.

1 - Instituto Agronômico do Paraná

2 - PRORURAL é um programa de desenvolvimento rural integrado financiado pelo Banco Mundial e o governo do Estado do Paraná, cujo objetivo é apoiar e promover o pequeno produtor rural do Estado.

3 - Pesquisa sobre Estrutura da Pequena Produção na Região Centro Sul do Paraná/PRORURAL/IAPAR - ASE.

A nossa hipótese é de que a desagregação dos faxinais trás no seu bojo, profundas implicações sociais tanto a nível de produtor quanto a nível de região. Nesse sentido, o primeiro passo da nossa proposta de intervenção foi o de conhecer as causas da desagregação dos faxinais. Por sua vez, este questionamento nos levou a duas outras perguntas: O que é um faxinal e como se formaram ?

A investigação histórica sobre a gênese dos faxinais foi fundamental para se compreender o atual processo de desagregação. Assim, o trabalho se pautou sobre as seguintes questões básicas:

1. O que é um faxinal ?
2. Qual a sua origem ?
3. Qual a sua racionalidade, ou seja, os mecanismos internos de funcionamento ?
4. Por que os faxinais estão se desagregando hoje ?

Para responder estas questões o trabalho foi estruturado no seguinte esquema:

1. Etmologia da palavra faxinal
2. Localização geográfica
3. Disposição física
4. Histórico da formação
5. Mecanismos de funcionamento
6. Processo de transformação
7. Processo de desagregação
8. Conclusão.

1. Etmologia da palavra faxinal

Popularmente, faxinal significa mato grosso; mato mais denso, quando comparado com as matas mais ralas ou os campos, que era a referência da população local vinda dos campos. Porém, etimologicamente, faxinal significa mato ralo com vegetação variegada.

É₄ neste tipo de mata mais densa, localmente e erroneamente denominada de faxinal, que foram utilizadas

para a formação dos criadouros comuns. Conseqüentemente, é habitual os colonos da região empregarem a palavra faxinal, enquanto mata e o seu uso em forma de criadouro comum, como se fossem sinônimos.

Tudo indica que o uso coloquial da palavra faxinal originou-se dos caboclos nativos, quem assim denominava este tipo de vegetação mais densa. Além disto, faxinal e criadouro comum, a rigor não são necessariamente sinônimos, pois o termo faxinal é mais amplo. Este refere-se à vegetação, enquanto que criadouro comum refere-se ao seu uso, o qual não necessariamente tenha que ser coincidentes. Em outras palavras, é possível encontrarmos na região matas do tipo faxinal, porém com outro tipo de uso.

Contudo, para efeito de homogeneização de linguagem adotamos neste trabalho, o mesmo emprego que a população local. Faxinal é para nós, a partir de agora, mata densa e criadouro comum.

Denominamos de sistema faxinal uma forma particular de aproveitamento desta mata conjugada às áreas circunvizinhas, cuja peculiaridade se assenta sobre o uso comum das terras de faxinal para a criação extensiva e para o extrativismo da erva-mate. Convém lembrar que apenas o uso da terra é comum, pois a propriedade continua sendo privada.

Assim, é possível afirmar que o sistema faxinal se assenta sobre o seguinte tripé:

1. criação extensiva de animais em áreas comuns;
2. extração de erva-mate e secundariamente de madeira, também dentro do criadouro comum;
3. policultura alimentar nas terras de planta circunvizinhas.

2. Localização Geográfica

Através do mapa fitogeográfico do Estado do Paraná⁵ e através do histórico das diferentes formações econômicas das macrorregiões do Estado, foi possível identi-

4 - Sob o ponto de vista técnico de classificação de matas.

5 - Organizado e desenhado por IBPT. Dados de Reinhard Maack.

car a região centro-sul como sendo a região dos faxinais no Paraná. Esta área tem uma abrangência estimada de aproximadamente 1/6 do território do Estado. (Ver Figura 1.)

Ainda seguindo os mesmos critérios, é possível extrapolar a área dos faxinais para toda a região Sul.

Nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul a probabilidade de permanência dos faxinais é bastante remota, devido ao seu mais adiantado grau de intensificação e tecnificação da produção agropecuária.

3. Disposição Física

As terras no sistema faxinal são divididas conforme seu uso, que por sua vez é, a fortiori, determinado por suas características físicas e pela capacidade de aproveitamento econômico desta pela comunidade, naquela época. Assim sendo, há dois grandes grupos de terras no sistema faxinal: as terras de criação e as terras de planta.

As terras de criação são um conjunto de propriedades privadas e contíguas colocadas em uso comum. Já as terras de planta são propriedades privadas, embora também contíguas, seu usufruto é privado. As primeiras são separadas das segundas por cerca comum bem fechada, ao longo de seu perímetro.

As terras de criação, que é o próprio criadouro comum, em geral, são formadas por vales ou áreas mais depressivas, com relevo suave ondulado e presença de aguadas. Predominam nestas áreas solos vermelhos, ácidos e profundos, favoráveis ao desenvolvimento de espécies vegetais de grande porte. Portanto, são comuns nestas áreas as árvores madeiras, sendo a mais conhecida, o imponente pinheiro araucária, seguido pela imbuia, a caneleira, o cedro, etc... Encontram-se também nos criadouros as frutíferas silvestres, tais como: a guabirobeira, a pitangueira, a cerejeira, etc... servindo como fonte de alimento nativo para a criação extensiva. Há ainda a expressiva presença da ervateira (a erva mate), expressiva devido ao seu valor e peso na economia regional durante os anos áureos do ciclo do mate.

É sob todas estas espécies vegetais de porte maior, há a formação de pastos naturais, servindo como importante fator de sustentação do sistema de criação extensiva.

Já as terras de planta ou localmente denominada de capoeira, em geral se localizam em áreas mais íngremes do relevo. Predominam nelas solos branco, rasos e menos ácidos. O solo sendo mais raso não favorece a formação de matos grossos e, portanto, a terra é mais adequada para a agricultura, além de ser menos ácida.

No período dos primeiros povoamentos, estas duas características eram decisivas, uma vez que os colonos não dispunham de maquinários para desbravar áreas fechadas, tampouco de técnicas para correção da excessiva acidez do solo.

Todos os colonos residem dentro do criadouro para ficarem mais próximo das criações para poderem dar as pequenas complementações diárias de milho.

Como consequência desta divisão de terras por uso, as terras de planta são muito parceladas e distantes da casa do agricultor. Há criadouros grandes de até milhares de hectares, onde o produtor é obrigado a caminhar diariamente quilômetros para cuidar de sua lavoura. (É comum um produtor ter 3 - 4 parcelas de terras separadas. Há casos que chegam até 20 parcelas.).

Somente analisando as condições de produção que foi possível compreendermos a aparente ilógica de os produtores plantarem em áreas tão distantes de suas casas e em condições topográficas bem menos favoráveis.

4. Histórico da Formação dos Faxinais

Historicamente, há uma sucessão de ciclos econômicos no Paraná. Primeiro a mineração, depois a pecuária que tiveram grande importância na fixação do homem e nos desenvolvimentos iniciais da província. O processo continua em seguida com a erva mate sobrepondo a partir da segunda metade do seu ciclo, ao ciclo madejeiro. As atividades econômicas predominantes que o Paraná conheceu após o ciclo

da madeira já não dizem mais respeito ao Paraná Velho, como   o caso do café no Norte do Estado, a partir do século XIX e após este, o "boom" da soja na década dos anos 70, envolvendo várias regiões do Estado.

O período da forma o dos faxinais se situa na virada do último século, entre o período de decadência da pecuária e a ascen o do mate.

Tanto os fazendeiros dos campos nos tempos da atividade do criatório e do tropeirismo no séc. XVIII e XIX, quanto os caboclos nativos das matas mistas do centro-sul, tinham o costume de criar "  solta".

Os latifúndios na região dos faxinais no centro-sul eram doados pela Coroa aos coronéis que pouco exploravam as terras. Com a decadência da pecuária e a ascen o do mate, a popula o se interiorizou nas matas mistas que   onde se encontram os ervais nativos.

Os agregados das fazendas de gado também migraram para a região dos ervais transformando-se em coletores de erva.

Nesta fase, reproduzia-se ainda a tradi o de cria o   solta e o cercamento das lavouras.

A partir das duas primeiras décadas do século XX (1900-1920) o fluxo dos imigrantes europeus intensificou-se. Estes se integraram na atividade ervateira na região dos ervais, ao mesmo tempo que incrementaram a produ o agrícola. Estas mudanças na estrutura da produ o levaram a inversão da racionalidade dos cercamentos. A partir deste período, as lavouras passaram a ser abertas e as cria es fechadas, porem as grandes extensões formando os criadouros comuns, mantendo-se o sistema extensivo.

A nossa d vida a esse ponto de análise era por que cada qual não cercou os seus animais, formando faxinais-zinhos privados? Qual era a racionalidade do coletivo?

Em primeiro lugar, havia a necessidade de se preservar extensos ervais nativos contínuos, devido   importância econ mica do mate na época. Ao mesmo tempo, a área reservada poderia ser aproveitada também para a cria o de animais no sistema extensivo. Entretanto, nesse sistema são necessárias áreas extensas de pasto devido a sua qualidade inferior e de ocorrência de cursos d'água natu-

rais.

Em segundo lugar, cercar o criadouro no seu perímetro significa uma economia de cerca muito grande em comparação com a somatória das cercas individuais.

E em terceiro lugar, a formação dos criadouros comuns era uma forma de cativar a mão-de-obra agregada e mantê-la próxima e disponível para as safras de erva.

O fato da safra de mate ocupar a mão-de-obra durante apenas três ou quatro meses ao ano, os proprietários dos ervais não poderiam manter esta mão-de-obra produtiva durante os meses de entressafra.

É necessário, portanto, que esses trabalhadores produzissem a própria subsistência neste período. Assim, a criação doméstica dentro dos criadouros comuns é parte desta estratégia de subsistência dos agregados e dos pequenos produtores.

Nesse sentido, a instância do coletivo não significa necessariamente identidade e ausência de contradição. Ao começar, a comunidade se funda sobre uma estrutura fundiária extremamente desigual. Os laços de comunidades são precários e se mantêm devido a interesses mútuos conjunturais de ambas as partes.

Na realidade, sob este prisma de análise, o criadouro comum não deixa de ter sido uma forma de solucionar os problemas de mão-de-obra numa época onde o mercado de trabalho era pouco organizado. E historicamente, o criadouro comum significa uma interação entre abundância de terra e escassez de capital.

5. Mecanismos Internos de Funcionamento

O fator preponderante na geração das normas de organização do sistema faxinal repousa sobre a construção e a manutenção das cercas do criadouro comum. A este conjunto de normas chamados de sociologia das cercas. Essas normas têm como origem leis consuetudinárias surgidas a partir do próprio exercício do coletivo. A filosofia central dessas leis se baseia sobre o princípio comunitário de direitos

contra obrigações - todos têm o mesmo direito desde que participem de alguma forma das obrigações. No que tange às obrigações vale enfatizar o seu espírito solidário, pois as contribuições são flexíveis e são medidas conforme as possibilidades de cada usuário.

Além dessas características centrais, há ainda outros pontos marcantes da sociologia das cercas que gostaríamos de focar:

1) O caráter democrático das deliberações. A opinião da maioria deve sempre prevalecer toda vez que necessite de modificações ou quando surge um impasse.

Ex.: Lei Municipal nº 149, Palmeiras - PR. Artigo 5º, parágrafo único - "Quando mais de 60 % dos proprietários de terrenos de uma determinada zona desejarem desenvolver uma única atividade, criação ou lavoura, aquela área poderá, desde que isso seja expressivamente demonstrado, passar de cultura para pastagens e vice-versa, embora rezem em contrário os documentos de posse".

2) As convenções, rigorosas sobre as cercas de lei. Como as cercas são o fator preponderante na geração das normas, a definição de que o que vem a ser uma cerca de lei passa a ser definidor das demais normas subsequentes, tais como a definição das contribuições, das responsabilidades, das punições, etc... Além disso, a capacidade de vedação das cercas é pré-requisito fundamental para o bom funcionamento do sistema faxinal. Pois, um e apenas um que não zelasse de sua cerca é o suficiente para abrir passagem para as criações às lavouras.

Portanto, no sistema faxinal só são consideradas cercas de lei aquelas que são capazes de vedar animais de qualquer porte.

Ex.: O artigo 3º da Lei Municipal nº 9, de São João do Triunfo ilustra e sintetiza muito bem estas condições:

- "a) compreende-se por cercas de lei, cercas de vão cheio com sete palmos de altura, com tranqueiras ou palanques amarrado com arames;

b) cercas de meio vão, com dois fios de arame farpado por cima;

c) cercas de paus verticais com oito palmos de altura;

d) valos com 2 metros de largura por 2 metros de fundo;

e) cercas de arame farpado com 8 fios de 7 palmos de altura.

3) Concepção de propriedade e responsabilidade das cercas. Em princípio, as cercas são divididas proporcionalmente à área de terra que cada proprietário possui. Cada proprietário contribui com o material necessário para a confecção do trecho de cerca de sua responsabilidade. E a construção é em geral, feita em mutirão. Os não proprietários contribuem apenas com mão-de-obra na construção e/ ou na manutenção das cercas de outros proprietários. Dessa forma, a cada propriedade corresponde um trecho de cerca que pode ou não se localizar no próprio terreno. Em caso de venda de propriedade, a responsabilidade e a propriedade da cerca é repassada ao novo proprietário.

Ex.: Lei Municipal nº 9 de São João do Triunfo.

Artigo 6º - "Em caso de transmissão de proprietário, os novos posseiros ou herdeiros, serão obrigados à conservação das cercas que pertenciam às ditas propriedades".

4) Critérios de punição. Quando ocorre invasão de criação em lavouras, os prejuízos são cobrados ou do dono da cerca por qual passou o animal, quando esta não tiver suas cercas de acordo com as cercas de lei, ou o dono da criação, quando a criação é que rompeu a cerca. Neste caso a criação é considerada daninha, que em caso de reincidência, é sacrificada.

Ex.: Lei Municipal nº 9 de São João do Triunfo.

Capítulo II, Artigo 1º. - "os danos serão cobrados de forma seguinte: 50 % do dono da cerca onde passou a criação e 50 % causou o

dano. Parágrafo único - Para esse fim o Prefeito mandará o Inspetor Municipal do quartelão com duas testemunhas, avaliar os danos, bem como verificar a cerca onde passou a criação e certificar-se qual o dono da cerca e quais os donos das criações; se a dita cerca for considerada como cerca de lei, então a criação é que será considerada daninha e nesse caso será executada a cobrança total somente do dono da criação.

Além da gestão das cercas, a própria organização da produção é muito elucidativa quanto aos mecanismos internos de funcionamento do sistema faxinal.

Foi colocado na introdução que a economia do sistema faxinal se sustenta sobre três atividades: o extrativismo do mate, a policultura alimentar e a criação doméstica extensiva.

Com relação a atividade ervateira, observa-se uma nítida divisão de categorias sociais. O fato de, nos tempos do mate, a economia regional girar em função deste produto, a forma como o indivíduo se inseria dentro desta atividade, definia praticamente sua posição social. Assim, consideramos três grandes categorias sociais no sistema faxinal: os fazendeiros de erva, os pequenos proprietários e também produtores de erva e os simples coletores de erva, que por sinal constituía a maioria.

Porém, cabe ressaltar que estas categorias sofreram transformações que acompanharam o processo mais amplo da modernização agrícola.

Com relação a atividade agrícola, predominam as culturas de subsistência alimentar. Com o aumento das lavouras após a vinda dos imigrantes europeus, a produção tem excedido o consumo familiar e tem passado a suprir os mercados locais e regionais.

As técnicas de cultivo, no entanto, são ainda bastante rudimentares. Dentro delas destacamos a prática do pousio como forma de recuperação da fertilidade do solo, controle da erosão e das plantas invasoras. Além do pousio,

a força de tração predominante é até hoje a tração animal.

A relativa lentidão no acompanhamento das técnicas mais modernas de cultivo pode ser entendida dentro do quadro mais geral da política de modernização agrícola. Esta tem discriminado os produtores dos faxinais em pelo menos três aspectos:

- pelo fato de serem pequenos produtores;
- pelo fato de suas culturas não serem de exportação;
- e pelo fato do relevo da região ser mais acidentado, e portanto não tão propícias quanto as regiões planas e motomecanizáveis.

Quanto a atividade pecuária, além desta fornecer carne, banha e leite para o sub-sistema família e servir de tração para as atividades agropecuárias e para o transporte, ela também serve como fonte alternativa de renda para a unidade produtiva.

Nesse particular, o criadouro comum desempenha um papel fundamental, pois no sistema extensivo há um aproveitamento dos recursos naturais, como o pasto e as fruteiras nativas, o que reduz sensivelmente os custos de produção.

O fato das criações serem relativamente independentes quanto a sua alimentação, há uma economia da mão-de-obra significativa.

Outra característica deste sistema é que as raças são crioulas e, portanto, mais rústicas e adaptáveis às condições dos matos. Por outro lado, o desenvolvimento do animal, tanto devido à raça, quanto devido ao tipo de alimentação, é muito mais lento em relação aos porcos de granja (um porco de granja leva em média 6 a 8 meses para atingir a idade de abate, enquanto que um porco de faxinal levaria 2 anos).

Sob o enfoque puramente produtivista, poder-se-ia dizer que o tempo de giro deste capital é mais longo e, portanto, "ceteris paribus", o lucro é menor.

E por fim, vale lembrar uma restrição produtiva resultante do sistema faxinal, principalmente para os pequenos produtores, que é a menor disponibilidade de terra agriculturável por produtor. Primeiro, devido a prática do

pousio e segundo, devido às terras exclusivas para a criação.

6. Processo de Transformação

A queda vertiginosa das exportações do mate em 1930, marcou a última e definitiva crise da economia ervateira no Estado. Portanto, a principal atividade que até então dava sustentação econômica ao sistema faxinal passou a perder espaço.

Porém contrárias às expectativas, o sistema faxinal permaneceu e de forma bastante sólida e produtiva, principalmente nas 3 décadas subseqüentes.

Historicamente, o setor de subsistência, sempre nos interstícios cíclicos, ocupava e expandia seu espaço produtivo, embora esta expansão seja mais em termos numéricos e territoriais do que em produção. Isto porque justamente o declínio da atividade condutora fazia contrair ao mesmo tempo a demanda local por víveres.

No entanto, no período que se seguiu ao declínio do mate não se verificou o mesmo fenômeno. O setor de subsistência deixou de ser atrelado unicamente ao setor de exportação. A agricultura e a produção animal de subsistência dinamizaram-se em função do mercado interno regional que se consolidava.

A economia ervateira, ao invés de ligar-se a capitais estranhos à região ou ao país, internalizou o seu processo de produção e beneficiamento, utilizando-se de capitais oriundos do mesmo setor.

Paralelamente, a exploração madeireira permitiu um acúmulo de renda em um período relativamente curto de tempo, o que reforçou a burguesia e o mercado local. Além disto, a atividade madeireira provocou também a ampliação e o melhoramento do sistema viário e a conseqüente introdução do transporte motorizado. Tais melhoras resultaram em estímulos significativos para o crescimento do mercado interno.

Nesse sentido, a produção do sistema faxinal expandia na mesma medida que a demanda do mercado interno crescia; mas, com o peso das atividades alterado. As ativi-

dades de subsistência que desempenhavam papel complementar, passaram a ganhar maior importância relativa à atividade ervateira na geração de renda.

No que diz respeito a estrutura fundiária, o declínio da atividade ervateira provocou um processo de fracionamento das imensas fazendas via herança. Hoje, muitos pequenos produtores da região são herdeiros e descendentes diretos dos fazendeiros/coronéis de erva.

O mesmo processo ocorria com as unidades de produção menores. A cada geração, a área por unidade era reduzida até atingir o limite da área mínima para a reprodução simples de uma unidade familiar.

Dessa forma, o predomínio numérico das pequenas unidades de produção levou-nos a considerar o sistema faxinal como uma forma de organização camponesa. Contudo, não queremos afirmar, em absoluto, que os resquícios da histórica desigualdade de distribuição fundiária não se fazem mais presentes.

7. Processo de Desagregação

A fim de apreendermos o processo de desagregação dos faxinais dentro de um contexto de mudanças mais amplo da sociedade capitalista, foi utilizado o modelo de desenvolvimento brasileiro adotado a partir dos anos 50, e particularmente a política de modernização agrícola conservadora dos anos 60, como referência de análise.

Entendemos por modernização conservadora aquele de orientação produtivista, que não propõe nenhuma mudança estrutural; e que vê a agricultura como um setor para servir os interesses dos capitais industriais. Nessa ótica, o setor agrícola desempenha o papel de mercado consumidor para máquinas, equipamentos e insumos industrial e o papel de supridor de matérias-primas industriais e alimentos. É evidente a orientação das políticas agrícolas para as questões de produção, desconsiderando os problemas do homem do campo propriamente dito.

A partir de 1967, a política agrícola é deliberadamente orientada para a utilização mais intensiva de

máquinas e fertilizantes, explicitando os interesses industriais. O financiamento da agricultura se torna o principal mecanismo de mudança tecnológica, distribuindo subsídios e subordinando a agricultura à esfera financeira através do crédito rural.

Quanto ao crédito rural, é de conhecimento público que este não atinge na mesma intensidade as diferentes categorias de produtores.

Nesse processo de tecnificação, no que diz respeito a grande produção agrícola, tem-se que grande parte dos latifúndios tradicionais se transformaram em modernas empresas capitalistas, e no que tange à pequena produção familiar, tem levado à diferenciação da categoria em duas camadas distintas; a produção familiar tecnificada e a produção familiar marginalizada.

A nossa análise sobre o processo de desagregação dos faxinais é de que justamente esta parcela de produtores tecnificados, sejam eles grandes, médios ou pequenos, é que vão advogar e atuar para o fim dos criadouros.

Nossa interpretação para esta mudança de comportamento é que, a nova estrutura técnica de produção induz a uma nova racionalidade, onde a alocação dos meios de produção e a intensidade de sua aplicação são diferentes.

Para os adeptos das técnicas modernas, o criadouro comum deixa de desempenhar o mesmo papel na reprodução da unidade familiar. Ao contrário, a área em comum passa a ser alvo de investimentos mais intensivos, onde o pressuposto da apropriação privada dos benefícios do próprio investimento, faz com que o proprietário reivindique a privatização do uso de sua terra.

Além deste movimento mais geral de tecnificação agrícola há ainda outros fatores que concorrem para a tendência da desagregação dos criadouros comuns:

1. O esgotamento da fronteira agrícola. As regiões Norte e Centro-Sul do país, tradicionalmente tidas como regiões de fronteira agrícola, bem como o oeste paranaense foram deixando de ser fronteiras na mesma velocidade que suas terras iam sendo ocupadas (referimo-nos a fronteira externa, pois internamente às propriedades ainda há muitas fronteiras a serem ocupadas). O esgotamento da fronteira externa é muito devido à ocupação jurídica decorrente do

processo de valorização das terras). Nos anos 70 os indícios deste esgotamento se evidenciam na medida em que os colonos expulsos do RS, SC e do próprio oeste paranaense passam a procurar o centro-sul paranaense como uma região alternativa de fronteira devido ao preço mais baixo da terra.

A vinda destes colonos do sul provocou o que pejorativamente denominaram de "síndrome dos gaúchos".

Os moradores dos faxinais vêem a chegada dos gaúchos com muita reserva, pois os últimos, em geral, trazem consigo uma tecnologia de produção mais intensiva, cujos valores e costumes são completamente alheios aos do sistema faxinal.

2. Os reflorestamentos. O papel do Estado nesta questão é fundamental. A política dos incentivos fiscais contribuiu indiretamente para a desagregação dos criadouros, uma vez que os incentivos abriram as portas para a entrada dos grandes reflorestadores na região.

Nesse sentido, a implantação dos reflorestamentos tanto diretamente deslocaram fisicamente os criadouros, quanto indiretamente elevou o preço da terra.

Na realidade, os empreendimentos capitalistas, sejam os reflorestamentos, sejam as produções mais intensificadas, conferem um uso mais intensivo e um caráter mais mercantil à terra. Com isso, o uso extensivo da terra torna-se mais insustentável e contraditório ao avanço do capital no campo.

3. Esgotamento dos recursos naturais. Um dos fatores que determinaram na difusão da prática da criação extensiva é sem dúvida a riqueza das condições ambientais. A natureza além de fornecer alimentos para as criações, fornece também madeira para as cercas do criadouro. Entretanto, a exploração depredatória das madeireiras, particularmente no período de 40 a 60, e a extração contínua pelos próprios colonos sem a reposição devida, acabou depauperando a tal abundância.

Hoje, a vegetação já empobrecida, é utilizada como contra-argumento por aqueles que desejam o fim dos faxinais aos que os defendem.

A verdade é que, a capacidade de lotação de animais nos criadouros diminuiu e a ração complementar é

cada vez maior.

4. O declínio da produção do mate. Com a contração da atividade ervateira não mais justificava a preservação dos ervais nativos tampouco a manutenção do contingente de famílias agregadas às fazendas.

A rigor, os primeiros germes do processo de desagregação dos faxinais já se instaurara desde a grande crise do mate em 1930. O processo só não consumou antes porque não havia outra atividade condutora que ocupasse o espaço econômico, determinando novas formas de organização da produção.

5. A Lei Federal dos 4 fios. No Código Civil Brasileiro estabelece claramente desde 1916 que as criações é que devem ser cercadas e não as plantações. Isso contradiz frontalmente as leis municipais que regulam os criadouros.

As leis dos criadouros determinam que aquele que deseja plantar dentro do criadouro e que deve cercar sua plantação. Já o artigo 588 do código civil estabelece que desde que o proprietário tenha suas terras cercadas com quatro fios de arame, o animal que nela penetrar será considerado invasor e, portanto, a lei permite que o proprietário apreenda o animal. Sob essas condições, torna-se impraticável a criação miúda à solta, uma vez que quatro fios não são jamais suficientes para vedar-lhe a passagem.

Na Constituição Brasileira, há uma hierarquia de prevalência das leis federais sobre as estaduais que por sua vez prevalecem sobre as leis municipais. Dessa forma, a "lei dos quatro fios" passou a ser utilizada como respaldo legal por aqueles que desejam infringir a lei consuetudinária dos criadouros comuns, retirando o argumento dos reclamantes.

Como consequência de todos os fatores acima citados, há um clima de incerteza que paira nos criadouros quanto a sua continuidade e em decorrência é instaurado um estado de animosidade e conflito entre os moradores.

O fim dos criadouros se processa por etapas, as quais se manifestam em diferentes estágios de desagregação dos criadouros.

Em geral, a primeira etapa é o confinamento das criações baixas, mantendo o criadouro somente para criações

altas.

A segunda etapa é a piqueteação individual das propriedades semi-confinando também a criação alta do restante das famílias. Há casos em que a piqueteação do criadouro é tão intensa que a área comum resume-se em apenas alguns corredores e as beiras das estradas.

A terceira etapa seria a desagregação derradeira do criadouro com a retirada das cercas que divide a criação das lavouras.

Os primeiros a ressentirem do fim dos criadouros são os agregados e os que possuem ínfimas parcelas de terra.

O confinamento da criação baixa requer raças melhoradas, instalações adequadas, arraçamento balanceado e mais mão-de-obra. Os produtores que não preencherem tais requisitos são forçados a abandonarem a criação baixa se abstendo do consumo.

Com relação ao semi-confinamento da criação alta em piquetes é necessário uma área mínima de pasto para a sustentação dos animais.

Há inúmeros casos de morte de animal por definhamento nos primeiros anos subsequentes ao término do criadouro. Outras vezes os produtores se desfazem deles antes de os verem morrer.

Como resultado da desagregação dos faxinais, a estratégia de reprodução dos pequenos produtores se torna mais difícil, principalmente a dos sem terra. Muitos deles se evadem do campo para as cidades a procura de outra estratégia de sobrevivência. Mas, ao mesmo tempo, boa parte dos faxinais, que antes servia para o pastoreio dos animais passa a ser ociosa se transformando em carrascais.

Conclusão

Do ponto de vista ecológico, o sistema faxinal serve como forma de preservação das coberturas vegetais naturais. Os dados (da CODESUL) sobre as áreas das coberturas vegetais do Estado, atestam que na região dos faxinais, a porcentagem da área com cobertura vegetal sobre a área to-

tal das MRH são bem maiores na região dos faxinais do que nas demais.

Do ponto de vista puramente econômico, qual seja a linha produtivista, de fato, em termos de rendimentos por área, o criadouro não é uma das formas mais produtivas se comparado com os métodos mais modernos de criação. Daí, os não partidários dos criadouros afirmarem que os criadouros são anti-econômicos e inviáveis. Outros afirmam que as atividades silviculturais e as pastoris no criadouro são incompatíveis porque o pastejo dos animais impede o reflorestamento natural das matas.

Na realidade, o verdadeiro elemento que depauperou os faxinais, que hoje de fato estão, foi a exploração depredatória das madeireiras e não tanto a atividade pecuária.

Do ponto de vista social, os criadouros comuns permitem que a população dos agregados, os minis e pequenos produtores se viabilizem enquanto pequena produção com um mínimo de aplicação de capital e mão-de-obra. Esses pequenos produtores já têm as áreas comuns incorporadas nas suas estratégias de reprodução.

Não resta dúvida de que a permanência dos faxinais no atual quadro de capitalização da produção agropecuária requer que estes tornem também viáveis sob o ponto de vista econômico.

É possível, por exemplo, remanejar os recursos e aumentar a racionalidade de produção do sistema através de um manejo racional dos rebanhos juntamente com um reflorestamento das espécies vegetais nativas.

Entretanto, as forças econômicas parecem ditar o rumo dos faxinais. A valorização da terra, por exemplo, é o fator econômico mais forte que torna inviável esta experiência coletivista.

O resgate desta experiência autogestionária não só recupera a importância social deste tipo de organização frente aos aspectos econômicos simplesmente mas, tenta também recuperar o seu valor político, sob o ponto de vista de organização dos produtores.

Bibliografia

1. CHANG, Man Yu. Sistema Faxinal, Uma Forma de Organização Camponesa no Centro-Sul do Paraná. Tese de MS, UFRJ, RJ, 1985.
2. CARVALHO, Horácio M. Da Aventura à Esperança: a experiência autogestionário no uso comum da terra. Mimeo, Curitiba, 1984.
3. GUBERT, Francisco A. Fº. O Faxinal. Mimeo. Irati, 1984.

D E B A T E

PERGUNTA: O sistema faxinal poderia ser uma solução para abrigar os sem terras que vivem nas periferias das cidades e os que são oriundos dos campos, os chamados bôias frias?

RESPOSTA: Para começar, eu não acredito na volta das pessoas que saíram do campo para a agricultura novamente, porque não há reversão dos processos. Assentar esse pessoal na agricultura, acho difícil, uma vez se já estão na cidade. Agora, dentro do sistema Faxinal é muito menos provável, porque no sistema Faxinal já tem as famílias definidas, as áreas, as propriedades.

Assim, ele ajuda a retardar ou diminuir o processo de evasão rural, aí sim, se no governo de Richa, principalmente na gestão de Claus que prioriza o pequeno produtor, que quer manter o pessoal no campo, a permanência desses faxinais acho importante para manter uma certa organização da área rural.

PERGUNTA: Comente sobre a infra-estrutura, educação, saúde, etc. do sistema Faxinal.

RESPOSTA: Bom, na realidade, os faxinais enquanto forma de organização rural não diferem das demais formas. As pessoas vivem lá, como vivem nos lugares que não têm sistemas faxinais, apenas a produção se destaca pelo uso comum da terra. Em termos de educação sabemos por exemplo, que na zona rural é bastante precária, aquele esquema de classes multi-seriadas, essas coisas que a gente já conhece, eu particularmente, não saberia detalhar, eu só estou querendo dizer que é igual às demais regiões que tem pequenos produto-

res, que de certa forma foram discriminados no processo de distribuição de renda.

Saúde; sabemos também que, quando eles precisam de atendimento médico, têm que se deslocar até as cidades, sendo muito difícil, principalmente porque eles não têm meios de locomoção; nesse sentido, eu não aprofundei meus estudos, mas eu diria que o Programa Pró-Rural se preocupa em amenizar esse problema.

PERGUNTA: Se desenvolvermos a cultura da erva-mate haverá mercado garantido, interno ou externamente ?

RESPOSTA: O problema da erva-mate é que o consumo diminuiu bastante com a competição de outros tipos de bebidas, como o refrigerante, outros tipos de chá. Agora, teria que fazer uma propaganda maior para aumentar o consumo da erva-mate, mercado potencial temos muito. Bom, o próprio livro sobre a erva-mate fala que em termos de mercado potencial interno brasileiro, temos o próprio Rio de Janeiro, onde estão deixando de tomar chá, estão tomando cerveja e refrigerante.

Eu acho que se tivesse uma ação integrada tentando promover este tipo de bebida, teríamos uma produção muito grande, porque temos um mercado potencial.

PERGUNTA: Gostaria de saber sobre a questão de lideranças nesta área.

RESPOSTA: Há duas figuras que eu já tinha apontado e seriam os líderes locais. Eles levam os problemas para as autoridades locais, são os inspetores de quarteirão que representam a delegacia local e o inspetor municipal. Hoje, com o processo de desintegração dos faxinais essas pessoas já perderam autoridade.

PERGUNTA: Com relação ao mercado de seus produtos, como foi a evolução e desenvolvimento desde a sua gênese ?

RESPOSTA: Bom, eu acho que a primeira coisa que propicia o aumento da demanda é quando se tem uma boa forma de escoar a produção. Antes da construção da rede rodoviária na região, não tinha como levar o produto, por exemplo, para Curitiba. Antes era levado em lombo de burros. A partir de 1950 quando foram construídas as rodovias e em 1930 as ferrovias, a produção agrícola começou a aumentar, porque mercado consumidor tinha, pois, os centros urbanos e regionais e até nacionais como o Rio de Janeiro demandavam alimentos dessa região Sul do Paraná.

PERGUNTA: O tipo de criação suína é utilizada no sistema faxinal é equivalente ao termo safrista, que é uma forma de criação muito conhecida na região Sul ?

RESPOSTA: Eu diria o seguinte: safrista é o camarada que planta uma área de milho e na época da safra do milho, ele conduz o rebanho para a área de plantação do milho; chama-se safrista, porque coincide com a safra do milho. Os porcos se alimentam do milho, derrubando o pé de milho. Quando os porcos terminam de comer, área de 1 alqueire ou mais - , os safristas os levam para as cidades para vender. Antes da consolidação do sistema faxinal havia muitos safristas, mas depois, o pessoal não necessitava mais conduzir seus porcos para a cidade, os intermediários que iam ao sistema faxinal para comprar. Com o desenvolvimento da agricultura, levando a consolidação dos faxinais, o papel do safrista perdeu um pouco de importância, com a existência dos intermediários. Então, no início da criação dos faxinais existiam esses safristas que criavam os porcos "a solta".

PERGUNTA: Qual o total da população envolvida no processo faxinal hoje ?

RESPOSTA: A gente não tem levantado isso, eu não saberia dizer só quero dar por exemplo, uma idéia. É que a gente não tem nem idéia de quantos faxinais existem no Paraná. Em Rio Azul, estamos fazendo um mapeamento dos faxinais.

PERGUNTA: Nessa região desenvolve-se principalmente o feijão-preto que possui mercado garantido. Há um sistema cooperativista ?

RESPOSTA: Temos as cooperativas mais ou menos no mesmo esquema do norte do Paraná; às vezes tem uma cooperativa que atende vários municípios, mas com aquelas mesmas restrições das cooperativas não conseguem atingir os pequenos produtores, ou seja, acaba favorecendo, de certa forma, pela pouca participação dos pequenos, os associados maiores. Existe sim, mas elas não são muito ágeis em comercialização.

Então, os comerciantes locais e os comerciantes maiores regionais, conseguem abarcar muito mais a pequena produção do que as cooperativas. Mas nessas regiões têm muitas cooperativas já organizadas.

PERGUNTA: No sistema Faxinal os chamados agregados são em-

pregados dos produtores maiores ou possuem terras próprias com culturas exclusivas de subsistência? Poderíamos considerá-los bóias-frias?

RESPOSTA: Não são bóias-frias, os bóias-frias são a população que se evadiu da zona rural e passaram a morar nas periferias das áreas urbanas, retornando às áreas rurais para os trabalhos diários ou avulsos; são remunerados diariamente. Os agregados não, eles moram dentro da zona rural, eles são empregados e possuem mais recursos e em geral o proprietário dá uma casa para eles morarem, cedem um espaço de área para plantar, é como se fosse um trabalho, um caseiro, um empregado permanente.

Há os agregados de família, que é diferente dos agregados dos patrões. Então, sobre a forma de remuneração dos agregados podemos dizer que é indefinida; às vezes recebem um salário, às vezes favores, como por exemplo, dar um pedaço de terra, mas com um custo de arrendamento mais baixo que o mercado; às vezes, há adiantamento de dinheiro.

PERGUNTA: Há consciência de desintegração dos faxinais por parte dos produtores? Há algum processo de organização dos pequenos produtores visando a preservação dos faxinais? Qual o papel dos gaúchos?

RESPOSTA: Sim, existem organizações não muito explícitas, mas latentes. Os gaúchos não têm os mesmos interesses que a população dos faxinais, às vezes estão visando interesses eleitorais.

PERGUNTA: Como você vê o sistema faxinal dentro do contexto brasileiro da Nova República? Especialmente dentro da reforma agrária o que pode acontecer? Qual a posição dos donos das propriedades?

RESPOSTA: Bom, dentro da Nova República, no governo Richa primeiro, privilegia os pequenos produtores. Se esta for a verdadeira programação dele, acho que a preservação dos faxinais está assegurada, embora produtivamente não sejam expressivos. Em termos sociais, vai de encontro com esse objetivo, o de melhorar a vida desses pequenos proprietários, preservando uma certa organização do campo, mantendo a população de forma produtiva. Agora, em termos de reforma agrária, eu acho que a reforma agrária implica em divisão da propriedade da terra, enquanto propriedade. Nós sabemos que, dentro dos faxinais a propriedade é privada, apenas o

uso é comum. Eu acho que são duas questões que não se misturam, eu acho por exemplo, que nas áreas onde os faxinais estiverem ativos e sendo úteis para a maioria, a questão da reforma agrária não é tão presente assim. Em termos de distribuição da propriedade da terra é desigual, mas o que importa na realidade é o seu uso.

PERGUNTA: O que você poderia adiantar sobre se há ou houve estrangeiros neste sistema e de que origem ?

RESPOSTA: Sim, poloneses e italianos, principalmente.